

O GUARDIÃO

Plínio Carneiro

Eu me lembro, ele me contou.

Era o seu primeiro dia de trabalho e ele estava bastante nervoso, o chapéu balançando ao vento da manhã, o ombro do surrado paletó cheio de sereno. Era uma sensação estranha, ele parado ali entre os canteiros, os braços abertos numa saudação ao sol que nascia atrás das árvores do pomar.

Haviam caprichado no seu visual: o chapéu de boiadeiro, as abas reviradas para cima; o paletó velho, mas ainda usável, apenas puído nos cotovelos; a camisa de um vermelho vivo — um lenço estampado no pescoço, o laço bem feito deixando as pontas levantadas.

Estava muito quente naquela manhã de verão, mas o que ele sentia eram pequeninas gotas geladas a escorrerem por dentro da camisa — orvalho ou suor da estréia? A calça marrom descia frouxa até as botas rangideiras, de língua na frente e atrás — o corpo suspenso, a um metro do solo úmido.

Todos haviam ajudado a vesti-lo e até um cigarro de mamona fôra enfiado na sua boca, dando a ele uma aparência bem matuta, bem humana. E agora ele estava ali, fincado entre os canteiros de alface, salsa e hortelã, velando pelo sucesso da horta. De onde estava podia avistar, sem muito esforço, carreiras e mais carreiras de repolhos, couves, quiabos, salsas, cebolinhas, hortelãs, almeirões, espinafres — canteiros verdes, vermelhos, roxos: uma infundável extensão de terra úmida, esterçada.

Ele estava contente, cheio da felicidade do dever cumprido. Os pássaros passavam ao longe, amedrontados por aquela figura

de braços abertos, velando pelo verdor dos canteiros, dia e noite, de sentinela no meio do terreno.

Ele também se lembra. E por se lembrar, me contou.

Um dia, um sanhaço foi o primeiro a perder o medo e, impávido, pousou no seu ombro, ruflando as asas, pronto para decolar ao menor movimento do guardião da horta. Ele sentia cócegas, mas nada podia fazer, o pássaro a bulir em seu pescoço de palha.

Nos dias que se seguiram, os passarinhos descobriram um novo poleiro. Eram periquitos, pardais, canários, curiós, pintasilgos, bem-te-vis, joões-de-barro, colibris, cardeais, sabiás, rolinhas, guachos, andorinhas — uma infinidade de bichos de pena que, no entremeio as cigarras, as borboletas e as efemérides, faziam menor a sua solidão. Ele não estava mais só, carpindo o desprezo dos alegres pássaros: outros animais alados o olhavam de longe, como os urubus e as corujas, tentando uma aproximação. Um dia, até um casal de pombos se serviu de seus braços, retos, esticados, para um pouso de emergência.

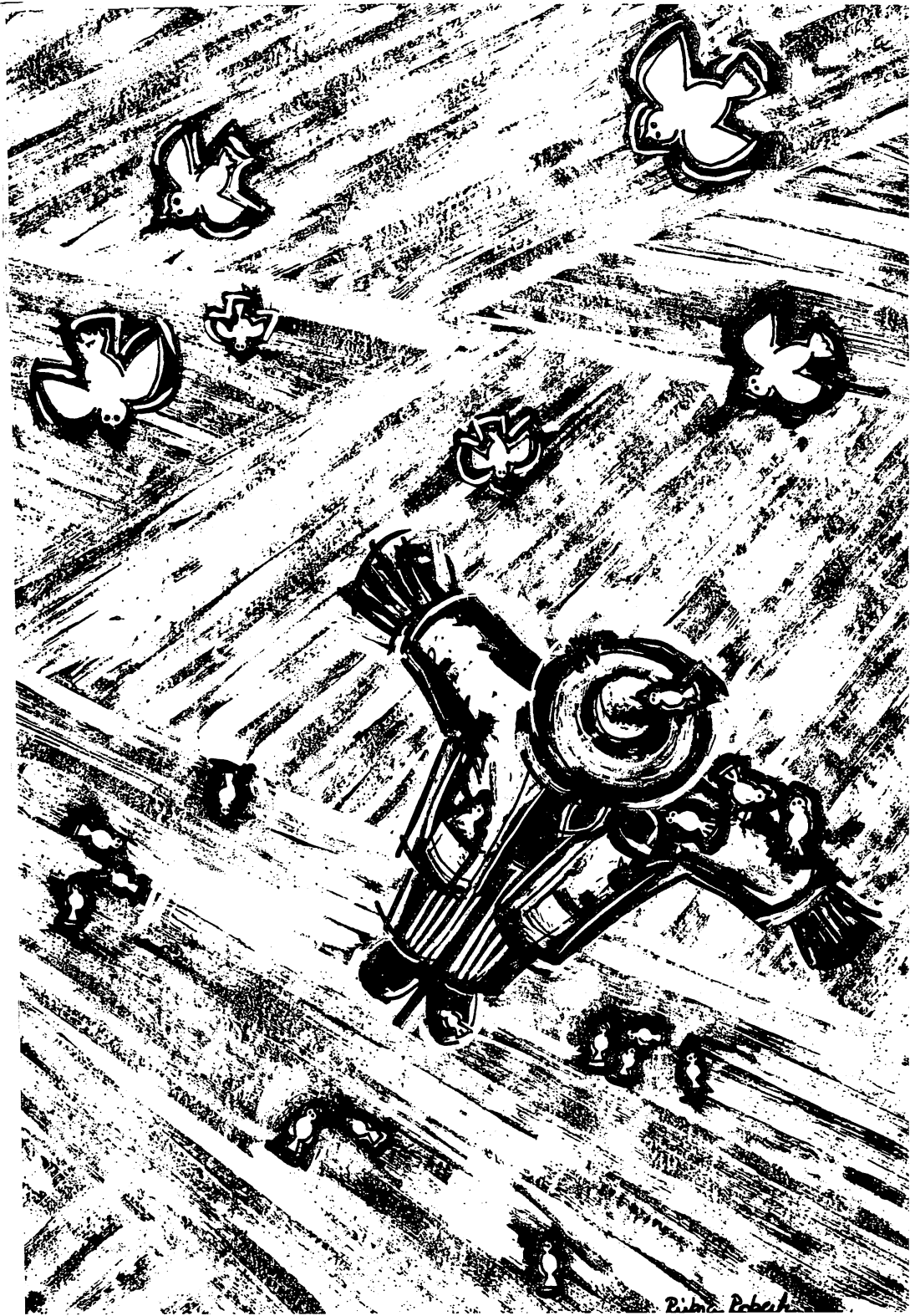
Ao redor, os pássaros se nutriam com a horta, serviam-se da base para os vôos razantes por sobre as couves, repolhos, alfaces, chuchus; voando, revoando, num estardalhaço feliz. A aproximação do dono do sítio, batiam todos em retirada, dando a impressão de que o espantalho cumpria o seu dever de espantar.

Passaram-se as semanas e sua felicidade aumentava com a presença, à sua volta, dos irrequietos animaizinhos de pena, sempre a lhe fazer companhia, de noite e de dia. E ele ia se afeiçoando ao casal de sanhaços, os primeiros amigos, que acabaram por furar a sua camisa e se aninharam em seu peito.

* * *

Ele me falou de muitas coisas, mas me falou principalmente das coisas de que ele se lembrava mais.

Um dia, o dono do sítio viu toda aquela revoada de pássaros, ora pousados no chapéu do guardião, ora nos braços, brincando até nos bolsos do paletó. Era demais para ele. Então esse espantalho incompetente não cumpria seu dever de espantar? Por isso é que a horta, antes tão viçosa, agora vivia com as folhas furadas. E ele pensara que fôra bicho da terra, era mesmo bicho do ar.



Subitamente, ele deu de cara com o seu dono, os pássaros voaram rápido ante aquela visão apavorante, de facão em punho. Sem dó nem piedade, os golpes vieram, pancada sobre pancada. Ele tentou se defender — não podia. Os golpes iam quebrando a sua armação, já podre; os braços não agüentavam os golpes fortes, desferidos rapidamente, parecendo vindos de todos os lados.

E pareceu que, num esforço final, ele se abraçou a si mesmo, protegendo os ninhos que trazia no peito. Daí a pouco, no local havia apenas um monte de palha, pano, penas e pássaros.